

Suriname: dinâmicas econômicas e relações internacionais

Bruna Brito Bastos

Mestranda em Estudos de Fronteira pela Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

br2bs1@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0366-6740>

Gutemberg de Vilhena Silva

Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Docente na Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

gutemberg@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4607-8634>

Resumo

O objetivo deste estudo foi investigar como o Suriname orientou o comportamento recente de suas relações econômicas internacionais e de que maneira a direção tomada contribuiu com os padrões vigentes em sua inserção internacional. O período selecionado para nossas reflexões foi de 2007 a 2017 e a pesquisa foi elaborada a partir de fontes bibliográficas e documentais para refletir sobre os pressupostos teóricos do campo da Economia Política Internacional. Em síntese, esse pequeno país tem o mercado de *commodities* como principal setor de exportação e passou a investir em infraestrutura e planos de desenvolvimento de longo prazo visando a atrair mais acordos e investimentos, mas precisa variar seus setores produtivos e superar instabilidades políticas para melhorar o ambiente econômico.

Palavras-chave Suriname; relações econômicas internacionais; pequenos estados.

Suriname: economic dynamics and international relations

Abstract

This research study aimed to investigate how Suriname has guided the recent behavior of its international economic relations and how the path taken has contributed to the current standards in its international insertion. The period selected for our reflections is from 2007 to 2017 and the study has been prepared by using bibliographic and documentary sources to think through the theoretical assumptions from the field of International Political Economy. In summary, this small country has the commodity market as its main export sector and it has started to invest in infrastructure and long-term development plans in order to attract more agreements and investments, but it needs to vary its productive sectors and overcome political instabilities to improve the economic setting.

Key words Suriname; international economic relations; small States.

Surinam: dinámica económica y relaciones internacionales

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo investigar cómo Surinam ha guiado el comportamiento reciente de sus relaciones económicas internacionales y cómo el camino recorrido ha contribuido a los estándares actuales en su inserción internacional. El período seleccionado para nuestras reflexiones es de 2007 a 2017 y la investigación se ha elaborado utilizando fuentes bibliográficas y documentales para reflexionar sobre los supuestos teóricos del campo de la Economía Política Internacional. En síntesis, este pequeño país tiene el mercado de *commodities* como su principal sector de exportación y ha comenzado a invertir en infraestructura y planes de desarrollo a largo plazo para atraer más acuerdos e inversiones, pero necesita variar sus sectores productivos y superar inestabilidades políticas para mejorar el entorno económico.

Palabras clave Surinam; relaciones económicas internacionales; Estados pequeños.

Suriname: dynamique économique et relations internationales

Résumé

Cette étude visait à examiner comment le Suriname a guidé le comportement récent de ses relations économiques internationales et comment le chemin parcouru a contribué aux standards actuels de son insertion internationale. La période choisie pour nos réflexions va de 2007 à 2017 et la recherche a été préparée à partir de sources bibliographiques et documentaires pour réfléchir sur les hypothèses théoriques du domaine de l'Économie Politique Internationale. En bref, ce petit pays a le marché des *commodities* comme principal secteur d'exportation et a commencé à investir dans les infrastructures et les plans de développement à long terme afin d'attirer plus d'accords et d'investissements, mais il doit varier ses secteurs productifs et surmonter les instabilités politiques pour améliorer l'environnement économique.

Mots-clés Suriname; relations économiques internationales; petits États.

Introdução

O Suriname enfrentou sérias crises político-econômicas nas décadas seguintes à sua independência em relação aos Países Baixos, em 1975, e apresentou, desde o início dos anos 2000, um constante aumento de seu produto interno bruto (PIB) por conta do *boom* de *commodities*. Na última década, o país registrou as maiores taxas de crescimento dentro do Caribe. Destacaram-se para isso: a) o foco nas relações regionais em contraste com o relativo afastamento da antiga metrópole; b) as descobertas de petróleo em sua costa compartilhada com a República da Guiana - que atraem cada vez mais atenção externa; e o c) renovado interesse chinês na região latino-caribenha, que implicou maiores investimentos e intensificação das relações econômicas com o Suriname.

Nesse panorama, mostra-se interessante investigar como o país tem buscado utilizar suas relações econômicas internacionais como estratégia de desenvolvimento, desde o contínuo crescimento econômico até a leve recuperação após os anos 2000. Devido à ausência de um sistema nacional integrado com dados sobre o intercâmbio de produtos e serviços para todo o período, esta pesquisa recorreu à Base de Dados Estatísticos de Comércio Internacional da Organização das Nações Unidas (United Nations International Trade Statistics Database [UN COMTRADE]), e as relações regionais e bilaterais do país foram examinadas a partir de informações governamentais oficiais, publicações acadêmicas, notícias e documentos de organizações internacionais.

O artigo se divide em duas seções: a primeira avalia a geografia econômica do Suriname após sua independência até 2006; e a segunda apresenta estatísticas e análises de seu comportamento econômico entre 2007 e 2017 (dados disponíveis para consulta até a data da redação do texto).

Geografia econômica do Suriname pós-independência

A economia do Suriname pós-independência se mostrou muito vulnerável. O grande fator que culminou nessa vulnerabilidade foi a concentração econômica em poucos produtos de extração mineral, em especial bauxita e ouro, com forte ação do capital internacional. A recente estabilidade político-econômica e novos aumentos do preço e do volume das exportações mais importantes proporcionaram um crescimento inédito da jovem nação no início deste século, que passou a buscar novas formas de inserção internacional.

Os projetos sobre investimentos na diversificação agrícola e turística não foram bem executados, o setor privado não foi estimulado e a instabilidade política provocou grandes migrações para a ex-metrópole, o que viria a configurar um significativo atraso no desenvolvimento econômico do país.

Como aponta Nelom (2011), quando a economia mundial melhorou, ainda nos anos 1970, a bauxita voltou a ser lucrativa e a economia cresceu novamente, beneficiando-se da parceria entre a Suralco e a Billiton para a mineração e o refino. Ademais, a corrida do ouro¹ na década seguinte foi organizada pelo Estado com operações em pequena escala; a busca por maiores receitas para o governo promoveu a concessão de licenças de exploração aurífera para a companhia canadense Gold Star. A também estatal Staatsolie foi criada em 1980; ela se encontra em operação desde 1982, com crescente produção de óleo bruto e exportação de petróleo refinado. Apesar do estabelecimento da produção de ouro e petróleo, a crise gerada pela guerra civil no país, a alta inflação e o racionamento de produtos de consumo fizeram com que eleições² fossem convocadas em 1987 e a maior instabilidade complicava a já frágil economia do país.

Os anos 1990 foram o período de maior instabilidade econômica nacional. O florim, moeda à época no Suriname, estava fixado de acordo com o dólar dos Estados Unidos da América (EUA) e foi desvalorizado por conta de novas flutuações nos preços internacionais das *commodities*. O superajuste da queda da alumina, em 1991, aumentou a inflação e diminuiu os salários mais do que era necessário para restaurar o equilíbrio, mas o novo aumento em 1995 impulsionou a economia e valorizou a taxa de câmbio, diminuindo a inflação e aumentando impostos de importação (Dijck et al., 2000). Em 1998, a queda da alumina se combinou à do petróleo e prejuízos agrícolas reduziram as exportações. No ano seguinte, o fechamento da fundição de alumínio da Suralco contribuiu para uma nova crise, a inflação aumentou, os salários diminuíram e a taxa de câmbio foi desvalorizada (Dijck et al., 2000; Kruijt, 2016).

Na virada do novo milênio, a economia surinamesa se desenvolveu positivamente, impulsionada pelo novo aumento dos preços mundiais de alumínio, ouro e petróleo, sobretudo a partir da melhoria da produção com a instalação, em 2004, da mina de ouro Rosebel (da canadense IAMGOLD, a partir da aquisição da propriedade da Gold Star), a expansão da refinaria da Suralco e os maiores investimentos nos setores de bauxita e de banana. Medidas de austeridade foram aplicadas para conter os empréstimos do governo, a taxa de câmbio foi estabilizada e a diferença entre as taxas oficial e paralela foi gradualmente eliminada, contribuindo para a queda da inflação (International Monetary

1 Desde 1876, o ouro foi explorado no leste do país durante três décadas até aquelas minas se esgotarem. A segunda corrida do ouro ocorreu no início dos anos 1980, após novas descobertas da Grassalco, mas ela foi prejudicada pela guerra civil. Com o fim dos conflitos, a mineração em pequena e grande escala se expandiu e passou a se beneficiar dos preços internacionais favoráveis nos anos 1990 (Stichting Planbureau Suriname [SPS], 2012).

2 A nova Constituição de 1987, alterada em 1992, organizou os poderes e definiu que o poder legislativo é exercido conjuntamente pela Assembleia Nacional e pelo Governo (Poder Executivo). Ambos os mandatos são de 5 anos, mas os 51 membros da Assembleia Nacional (AN) unicameral são eleitos por voto popular e por representação proporcional, enquanto o Presidente é eleito pela AN. A política nacional é caracterizada pela organização dos partidos de acordo com as etnias nacionais, que influenciam alianças e decisões em um equilíbrio político complexo, porém, cada vez mais miscigenado (Menke & Pérez, 2012).

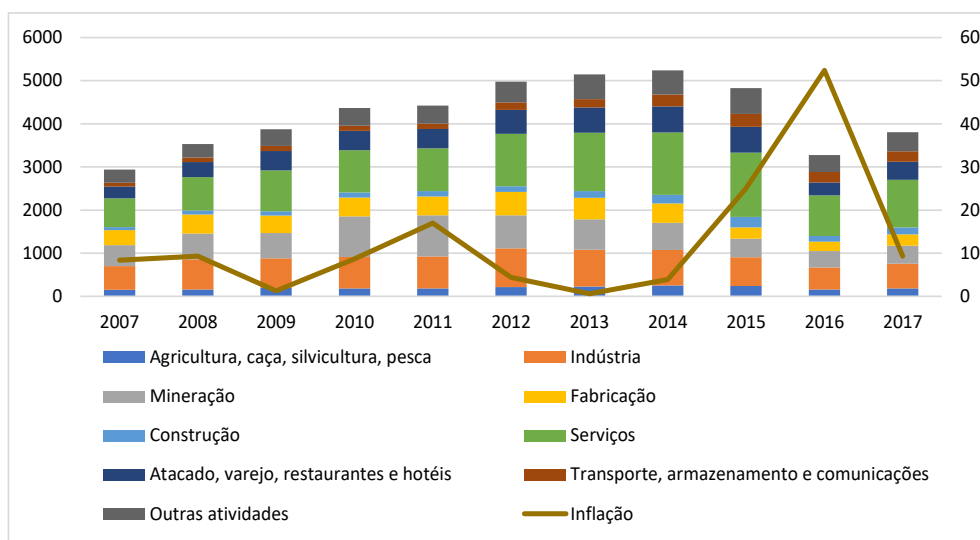
Fund [IMF], 2007). O lançamento de uma moeda estável em 2004 - o dólar do Suriname (SRD) - contribuiu, entre outras coisas, para a melhoria da eficiência no pagamento e/ou nas transações econômicas e da confiança na moeda nacional.

O que as estatísticas nos dizem sobre as relações econômicas internacionais do Suriname (2007-2017)?

O setor de serviços (sobretudo os ligados a comércio, transporte, administração pública e finanças) compreende a maior parte da economia doméstica e é uma importante fonte de emprego no Suriname. Já os setores de produção mineral, de agricultura, de pesca e de silvicultura representam aglomerados tradicionais de criação de riqueza, que dominam boa parte da atividade industrial para seu processamento e refino. O Gráfico 1 apresenta o PIB/ano e sua relação com as taxas de inflação, as quais foram determinadas principalmente por mudanças nos preços de importação, aumento de gastos, movimentos cambiais e mudanças nos impostos indiretos (Stichting Planbureau Suriname [SPS], 2012).

Nos últimos anos do governo Venetiaan, a economia seguiu crescendo em decorrência dos altos preços das *commodities* e da relativa estabilidade política, que beneficiaram os investimentos e a arrecadação de impostos. As incertezas da eleição de 2010 e os gastos anteriores a ela elevaram a inflação e a taxa de câmbio, mas o governo vitorioso de Bouterse concluiu a reforma dos salários nas funções públicas (que tiveram aumentos negociados desde 2009), continuou a investir em infraestrutura e desvalorizou a moeda de SRD 2,75 para SRD 3,30, acalmando o mercado. Em 2012, os preços do ouro começaram a cair, mas o crescimento foi mantido pelas receitas de exportação e a expansão de setores não minerais (IMF, 2012).

Gráfico 1. Composição do PIB e inflação (2007-2017).



Fonte: United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD, 2019).

A acentuada depreciação do ouro e do petróleo, em 2013, foi compensada pelo relaxamento fiscal e pela baixa inflação, apesar do aumento das despesas com programas sociais de habitação e melhoria de estradas e pontes. O ano seguinte registrou o maior valor histórico para o PIB, mas a contínua queda nos preços das *commodities* levou a progressivos controles de despesas e cobranças de impostos, redução de salários, consolidação fiscal e aumento da tributação sobre a exploração de recursos naturais (IMF, 2014).

As *commodities* ainda em queda e o fechamento da refinaria de alumina da Suralco, no final de 2015, levaram a economia a uma recessão, a taxa de câmbio chegou a SRD 4,00 e fortes chuvas afetaram a produção agrícola. Em 2016, o governo reeleito de Bouterse adotou um pacote de medidas de austeridade para promover o crescimento econômico sustentável, inclusive com apoio do Fundo Monetário Internacional (FMI)³, e a flexibilização da moeda, que fez a taxa oficial chegar a SRD 7,4 (junto com a baixa arrecadação e os aumentos nas tarifas de serviços públicos), colaborou para que a inflação atingisse o recorde de 52%. Apesar do encerramento prematuro do programa do FMI, devido a diferenças no modo de conduzir as políticas, o governo se concentrou em melhorar o clima de negócios e houve uma recuperação em 2017, por conta da melhora nos preços internacionais e da infraestrutura de produção das exportações, com estabilização da taxa de câmbio em SRD 7,5 (IMF, 2018).

3 O Acordo Stand-By de 24 meses proposto visa a um empréstimo de SRD 342 milhões para apoiar o ajuste do Suriname à queda nos preços de exportação de *commodities* e para restaurar a sustentabilidade externa e fiscal, enquanto garante a proteção social, com programas de transferência de renda e incentivos fiscais para garantir o poder de compra dos contribuintes (IMF, 2018).

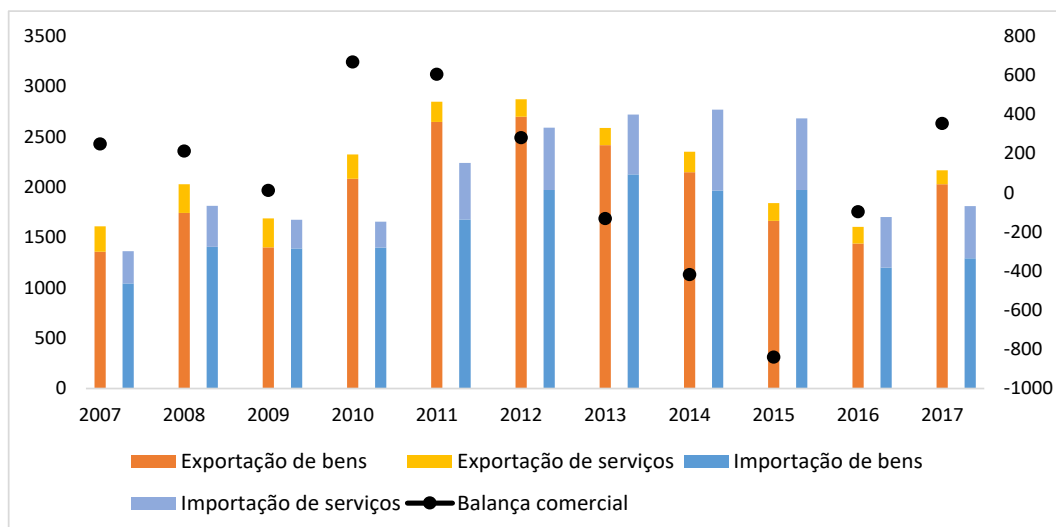
Importantes desenvolvimentos também envolveram a dolarização da economia, produto das altas taxas de depósitos e empréstimos em moeda estrangeira em bancos comerciais durante os anos 1990, que foi reduzida desde 2011, com o aumento dos requisitos de reserva para depósitos em moeda estrangeira, mas que cresceu durante a recessão e estabilizou-se em 69,2% para depósitos e 53,1% para créditos em 2017 (Ministerie van Financiën [MF], 2017). O ano de 2011 registrou, ainda, um bom desempenho fiscal por conta do saldo de grandes dívidas externas e o governo passou a ser um credor; porém, novos empréstimos e o baixo crescimento real do PIB aumentaram a dívida durante a recessão, acumulada em US\$ 1,7 bilhão, equivalente a 54,2% do PIB em 2017 (MF, 2011, 2017).

Politicamente, o carisma e as medidas populistas de Bouterse promoveram grande coordenação política com vários partidos menores (inclusive com ex-opponentes, como Brunswijk), porque ele tem se apresentado como uma liderança renovada. Tal imagem tem sido especialmente popular entre os jovens, que não viveram a época de repressão militar e dos assassinatos de dezembro⁴ e que apreciaram o crescimento experimentado desde 2010, mas a crise econômica tem abalado o clima político e provocou protestos em 2016 e 2017 (Ramsudh, 2016).

Em detalhe, o setor externo continuou a comandar a economia, com uma taxa de abertura média de 101%. Diante da baixa participação dos serviços, a exportação de bens constitui a maior fonte de renda e mostra-se importante porque financia as importações, gera e cria investimentos e aumenta o capital (Dijck et al., 2000). Contudo, como ilustra o Gráfico 2, esse intercâmbio sofreu muitas oscilações, registrando uma balança comercial progressivamente baixa entre 2011 e 2015, em decorrência da diminuição dos preços internacionais das *commodities* e dos problemas de produção, dos investimentos aplicados na infraestrutura e da própria demanda interna, iniciando sua recuperação em 2016.

4 Até a data da redação do texto, o processo jurídico iniciado em 2007 ainda não havido proferido uma sentença. Em 2018, o Ministério Público do Suriname exigiu uma condenação de 20 anos de prisão para Bouterse.

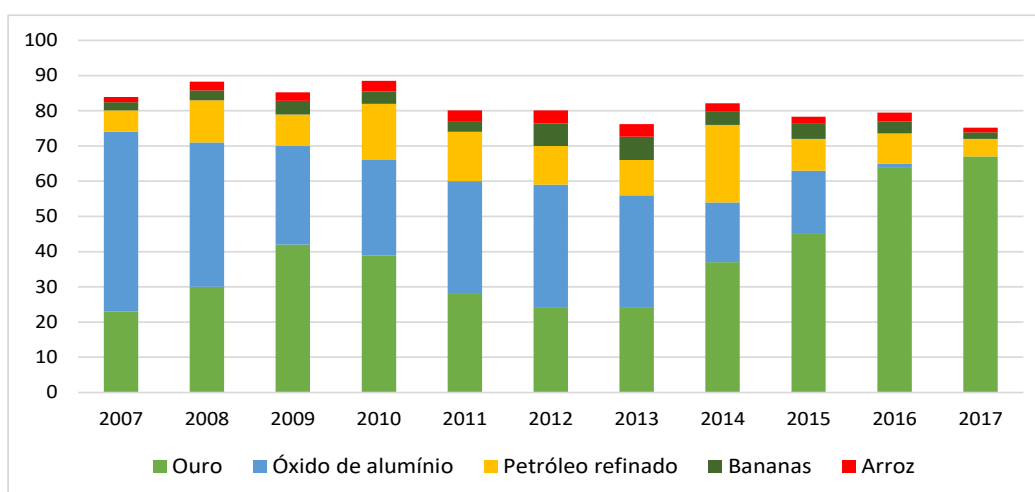
Gráfico 2. Exportações e importações de 2007 a 2017 (em milhões de US\$).



Fonte: UNCTAD (2019).

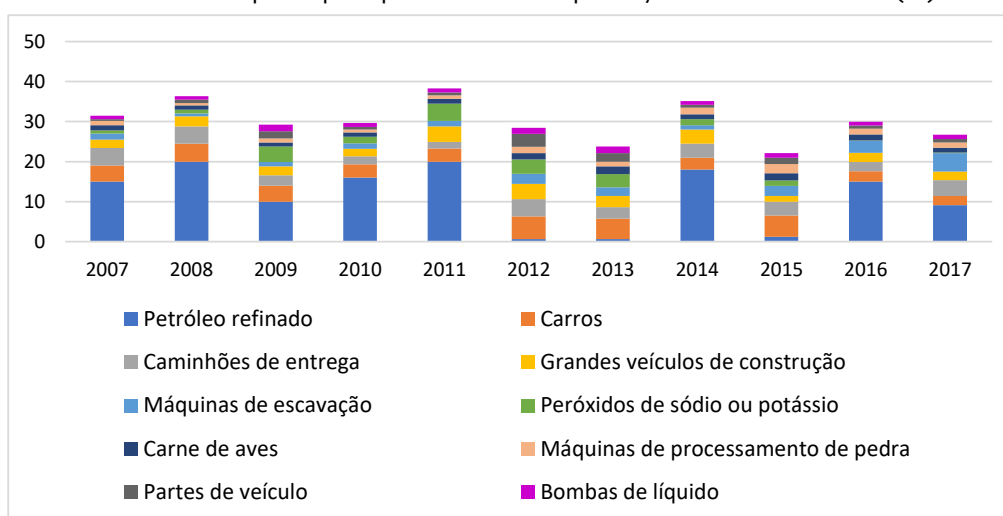
Por conta dos diferentes padrões nas trocas comerciais, os dados são apresentados de maneiras distintas para proporcionar melhor comparação. O Gráfico 3 ilustra os 5 principais produtos de exportação (80,9% do total) a cada ano, que se concentrou em bauxita, petróleo e ouro, com menor participação de arroz e banana. Já o Gráfico 4 ilustra os 10 principais produtos de importação (32,7% do total), representando um comércio mais diversificado e relacionado principalmente a bens de produção (em especial máquinas, transportes e produtos químicos), alimentos e combustíveis.

Gráfico 3. Cinco principais produtos de exportação de 2007 a 2017 (%).



Fonte: UN COMTRADE (n.d.).

Gráfico 4. Dez principais produtos de importação de 2007 a 2017 (%).



Fonte: UNCOMTRADE, 2019.

As receitas de bauxita, ouro e petróleo somaram uma média de 75,2% das exportações para o período, refletindo capacidades de produção interna e demandas externas, e o ouro substituiu gradativamente a bauxita desde 2009 como a maior fonte de receitas. As transformações relacionadas ao setor implicaram, ainda, maiores importações para construir melhores estruturas e maiores investimentos estrangeiros.

Particularmente, o setor da bauxita passou a sofrer declínios na produção desde 2005 e a diminuição nos preços internacionais de 2009 coincidiu com a saída da Billiton, representando uma perda para o país. Desde então, os menores volumes geraram cada vez menos retornos para o Estado, sendo compensados pelos tributos diretos e indiretos do petróleo e do ouro. Seis anos mais tarde, a Alcoa fechou sua refinaria, argumentando que os persistentes baixos preços internacionais e os altos custos de energia locais se mostravam desfavoráveis. Com isso, o governo assumiu a barragem, as minas e a refinaria da empresa diante da descoberta de novas reservas, mas sua exploração requer um grande investimento em infraestrutura e capacidade de geração de energia, o que ainda não é economicamente viável (MF, 2011, 2017).

Quanto ao setor do petróleo, embora a Staatsolie aproveitasse os altos preços e fosse muito lucrativa por deter os direitos *on-* e *off-shore* sobre os depósitos (operando por conta própria ou em parceria), a baixa capacidade da estatal fazia com que o país ainda importasse gasolina e diesel. Assim, em 2010 foi iniciado um grande programa de investimentos, a fim de explorar novos poços, expandir sua refinaria e desenvolver combustíveis (inclusive etanol). Em 2012 foi aprovada a construção de uma nova refinaria, concluída em 2016, com boas perspectivas de lucro (MF, 2011, 2017).

A exploração do ouro, por sua vez, cresceu desde 2004 e gerou excelentes lucros até 2013, mesmo com o insucesso na tentativa de tributar operadores informais desde 2010⁵. Apesar das quedas nos preços internacionais, a produção em larga escala continuou atraindo exploradoras e o governo decidiu investir em novas ações. A Suriname Gold Company (Surgold - subsidiária da estadunidense Newmont) lançou sua mina Merian no final de 2016, após 2 anos de construção, com participação da Staatsolie em 25% do capital social. Outra importante novidade foi a abertura da Suriname Kaloti Minthouse (SKMH - empresa de purificação de ouro, de Dubai) em 2015 para produzir barras de ouro que podem ser comercializadas como objetos de investimento. O governo também ampliou o acordo com a IAMGOLD, para expandir suas atividades, responsabilizando-a pelos custos de exploração enquanto garante uma participação de 30% no desenvolvimento da mina (MF, 2011, 2017).

A concentração da economia na exploração natural tem grande impacto no país, pois, segundo Dijck et al. (2000), como as empresas de exploração devem pagar impostos e custos operacionais, o aumento das exportações gera maiores transferências e aumenta as reservas do Banco Central, que, por sua vez, aumenta a oferta de moeda estrangeira para importações. A taxa de câmbio é apreciada e reduz os preços de bens importados, reduz a inflação e tende a estimular o consumo; e o aumento nas receitas do governo permite o aumento de gastos, proporcionando mais empregos e maiores salários.

Já um declínio nos preços internacionais provoca efeitos contrários, sobretudo ao reduzir rendimentos e depreciar a moeda, indicando uma vulnerabilidade que tende a gerar intensos ciclos de ascensão e declínio. Apesar da grave queda no crescimento e da elevada inflação, as perspectivas para a economia em médio prazo permaneceram boas, pois diferentes estruturas produtivas foram incrementadas e boas relações econômicas possibilitaram melhores acordos e investimentos (IMF, 2018).

Armstrong e Read (2003) lembram que a especialização da estrutura de exportação pode levar à dependência excessiva de um número limitado de atividades econômicas e que a diversificação seria a melhor solução para tal problema, mas consideram que pequenos Estados geralmente carecem de recursos e capacidade para melhorar esse cenário. Embora o setor de exploração pareça oferecer vantagens comparativas sobre outros setores, os governos devem controlar a distribuição de renda para não sucumbirem à “maldição de recursos” - recursos naturais abundantes tendem a ter um impacto negativo sobre a renda e o crescimento.

5 A maior parte do ouro é extraída em pequena escala, sem concessão legal ou controle governamental, utilizando técnicas e materiais rudimentares de prospecção e extração, incluindo o uso de mercúrio que causa problemas ambientais e de saúde. Esses mineiros geralmente são parte da população maroon do interior (que reivindica o uso e os direitos ocupacionais sobre as terras, concedidos por tratados confirmados no final da guerra civil) e imigrantes brasileiros (garimpeiros que muitas vezes têm experiência na Amazônia) (SPS, 2012).

A compreensão por parte do governo da vulnerabilidade relativa ao comércio internacional levou a esforços para diversificar a economia e melhorar a facilidade de fazer negócios, buscando parceiros comerciais e maiores investimentos estrangeiros para melhorar também os setores de agricultura, silvicultura, pesca, infraestrutura e turismo. O relatório *Doing Business* do World Bank (WB, 2017) concluiu que o país reduziu o tempo e os custos burocráticos para o comércio exterior ao instalar os processos do Sistema Automatizado de Dados Aduaneiros (Automated System for Customs Data [ASYCUDA]) da UNCTAD. Por outro lado, mantém altas tarifas, pois estas são importantes fontes de receita e proteção da produção local, e as medidas tomadas ainda se mostram insuficientes: permaneceu como um dos países onde é mais difícil abrir negócios, conseguir permissões de construção e fazer cumprir contratos – resultando em baixas pontuações no *ranking* geral, ocupando o 158º lugar na classificação de 190 países (WB, 2017).

O concentrado setor de exportação, dominado por empresas estatais e estrangeiras, também prejudica o pequeno setor privado, muito direcionado à prestação de serviços e à importação de bens, que permanece limitado por burocracias caras e ineficientes. Ainda assim, o governo se propõe a orientar investidores e auxiliar empreendedores por meio do InvestSur e da Unidade de Competitividade do Suriname (Competitiveness Unity Suriname [CUS])⁶, e as maiores instituições do setor são o Fórum de Negócios (Suriname Business Forum [SBF]), a Associação de Comércio e Indústria (Vereniging Surinaams Bedrijfsleven [VSB]) e a Câmara de Comércio e Indústria (Kamer van Koophandel en Fabrieken [KKF]), que promovem diálogos entre os setores público e privado, feiras e exposições em mercados internacionais, e auxiliam empresas domésticas na expansão para outros membros da Comunidade do Caribe (Caribbean Community [CARICOM]), como Guiana e Trindade.

Um dos maiores problemas apontados pelas pesquisas do Banco Mundial (WB, 2017) se refere à falta de pessoal capacitado. De fato, a perda de capital humano é uma preocupação nacional, pois, historicamente, muitos surinameses viajam para estudar nos Países Baixos e uma parcela significativa deles não retorna, constituindo uma “fuga de cérebros”. Segundo Heemskerk e Duijves (2014), essa tendência decorre sobretudo dos salários mais altos pagos no exterior e das restrições tecnológicas locais que desencorajam jovens altamente qualificados, afetando negativamente a frequência nas escolas e nas instituições de Ensino Superior.

Outro obstáculo para o clima de investimentos e negócios é a corrupção generalizada, mais difundida em compras governamentais, emissão de licenças, política fundiária e tributação, propiciada por leis complexas, altas taxas, falta de transparência e de capacidade

6 O InvestSur foi instituído em 2017, para examinar e autorizar propostas de investimento, substituindo a Corporação de Investimento e Desenvolvimento Suriname (IDCS) após 5 anos de funcionamento. Já a CUS foi inaugurada em 2013, com apoio internacional para coordenar todas as atividades do governo para facilitar o PSD e melhorar a competitividade do setor privado, dentro da qual há o Fórum de Competitividade, que reúne dados para apoiar o desenvolvimento do setor privado e oferecer recomendações para melhorar a competitividade.

administrativa e ineficiências da Justiça Criminal. De acordo com dados da Transparência Internacional, o Suriname obteve pontuações positivas no índice de corrupção e atualmente é o 73º menos corrupto dentre 180 países (Transparency International [TI], n.d.); todavia, o relatório REED+ (2017) apurou que a deficiência na prestação de contas e no acesso à informação afeta os dados utilizados e a percepção da sociedade e as leis antigas com fraca aplicação prejudicam o desempenho, a integridade e a eficácia das instituições nacionais. Em 2017, o Parlamento adotou uma legislação anticorrupção que garante sistemas de proteção a denunciantes, mas ela não é retroativa e faltam textos de suporte que tenham um efeito preventivo, além de punições e definições claras (Mohansingh, 2017).

Apesar dos recentes investimentos no setor de transportes reduzirem os tempos de viagem, a limitada infraestrutura ainda dificulta o comércio. As principais trocas comerciais ocorrem por meio dos portos nacionais, localizando-se os mais importantes na capital Paramaribo e em Nieuw Nickerie (na fronteira com a República da Guiana), ambos de propriedade da estatal Havenbeheer Suriname, mas operados por empresas privadas desde 2010. O Aeroporto Internacional Johan Adolf Pengel é o maior do país, localizado a 45 km da capital, e oferece voos para o interior, a Europa e os vizinhos fronteiriços. Já o sistema rodoviário conta com a Conexão Norte-Sul, que se estende por toda a costa, mas é pouco desenvolvido no interior (SPS, 2012).

Para além da conexão pela estrutura física, a estratégia de desenvolvimento nacional também implica a vinculação de suas políticas econômicas à sua política externa, visto que suas relações com outros países influenciam planejamentos e acordos. O Suriname possui uma conjuntura internacional especial, pois está localizado no continente sul-americano, mas é culturalmente semelhante aos vizinhos caribenhos e há uma histórica vinculação europeia e asiática; diante disso, concentra esforços em utilizar suas conexões para se tornar um centro entre o Caribe e a América do Sul, a Europa e a Ásia.

O Ministério das Relações Exteriores é responsável pela condução de interação ativa com outros países e organizações internacionais em apoio ao desenvolvimento sustentável nacional, como descrito nos planos de governo para 2006-2011 e 2012-2016. Ambos os documentos privilegiam a diplomacia do desenvolvimento como estratégia que aproveita posições políticas para negociar e cooperar com outros países mediante alianças estratégicas em um contexto bilateral e multilateral. Além de também se concentrar nas questões migratórias, de fronteiras e de integração regional, consolidou o interesse em atrair investimentos estrangeiros diretos de empresas privadas e bancos de desenvolvimento regional (SPS, 2012).

Segundo a lógica do “clube de convergência”, citada por Armstrong e Read (2003), a localização assume maior importância devido à relevância do comércio para países pequenos, colaborando para o pensamento de aproximação a vizinhos e grandes mercados prósperos. Ademais, como observado por Bayne e Woolcock (2017), a diplomacia econômica

opera em diferentes níveis de interação, com oportunidades e desafios particulares, dentre os quais se destacam as relações bilaterais (desenvolvidas sobretudo mediante acordos comerciais e de cooperação) e as relações regionais (acordos muitas vezes de motivação política que viabilizam o acesso a grandes mercados e a discussões entre países com níveis de desenvolvimento e preferências políticas semelhantes).

Embora a busca por novos parceiros já ocorresse de maneira tímida para descentralizar a política externa da ex-metrópole, cuja “Ajuda Oficial ao Desenvolvimento” de € 1,6 bilhão foi considerada um novo relacionamento de dependência, a eleição de Bouterse como presidente, em 2010, complicou o relacionamento com os Países Baixos e fez o governo enfatizar cada vez mais uma nova posição regional e mundial. O interesse pela cooperação e integração com o Caribe e a América do Sul e pelas políticas Sul-Sul como maneira de impulsionar o desenvolvimento nacional estimulou maior atenção a relações estratégicas em diferentes abordagens (Menke & Pérez, 2012).

A crise das *commodities* foi uma consequência da recessão mundial, que desacelerou as taxas mundiais de comércio e impulsionou medidas protecionistas, a demanda na América do Norte e Europa foi reduzida, o crescimento asiático foi prejudicado e as economias emergentes da América Latina e do Caribe foram afetadas como um todo após altos lucros com o *boom*. No saldo para o período, tanto as importações quanto as exportações são lideradas pelas Américas, seguidas pela Europa e pela Ásia: 62,3% das exportações foram para o Canadá, os EUA, a Bélgica, a Suíça e a Guiana, e 66,8% das importações se concentraram entre os EUA, os Países Baixos, Trindade e Tobago, a China e o Japão.

Considerações finais

Rico em terras agrícolas e recursos naturais, o Suriname é um país de renda média/alta e bem localizado entre a América do Sul e a América do Norte e o Caribe, com fortes vínculos históricos com a Ásia e a Europa. Contudo, limitados recursos econômicos e humanos e infraestrutura deficiente ainda conferem certo grau de vulnerabilidade e muitas vezes restringem sua posição internacional a atitudes reativas a países e grupos maiores. De qualquer maneira, o alinhamento a vizinhos e a potências regionais manifesta a orientação da diplomacia econômica nacional, que procura diferentes caminhos de inserção externa para promover questões econômicas e alcançar novos mercados, parceiros e fontes de investimentos.

Diante de novas perspectivas em seus relacionamentos, sobretudo quanto ao afastamento dos Países Baixos, futuras explorações de petróleo e a marcante presença chinesa, conclui-se que o Suriname está adaptando suas relações econômicas internacionais para buscar um desenvolvimento mais sustentável e autônomo. A estratégia nacional,

portanto, deve harmonizar os investimentos na produção e na infraestrutura com decisões políticas e estabilidade financeira como modo de superar vulnerabilidades.

Referências bibliográficas

Armstrong, H. W., & Read, R. (2003). The determinants of economic growth in small States. *The Round Table*, 92(368), 99-124.

Bayne, N., & Woolcock, S. (2017). What is economic diplomacy? In N. Bayne, & S. Woolcock (Eds.), *The new economic diplomacy: decision-making and negotiation in international economic relations* (4th ed., pp. 1-14). Routledge.

Dijck, P. V., Dijkstra, G., Jong, N., Martin, D., & Vos, R. (2000, November). The Suriname economy experiences of the 1990s and challenges ahead. In *Proceedings of the Seminar "The Suriname Economy: Challenges Ahead."* The Hague, Netherlands.

Heemskerk, M., & Duijves, C. (2014, October). *Suriname migration profile: a study on emigration from, and immigration into Suriname*. International Organization for Migration.

International Monetary Fund. (2007, May). *Suriname: 2007 Article IV Consultation - Staff Report* (Country Report No. 07/180). IMF.

International Monetary Fund. (2012, October). *Suriname: 2012 Article IV Consultation - Staff Report* (Country Report No. 12/281). IMF.

International Monetary Fund. (2014, October). *Suriname: 2014 Article IV Consultation - Staff Report* (Country Report No. 14/316). IMF.

International Monetary Fund. (2018, December). *Suriname: 2018 Article IV Consultation - Staff Report* (Country Report No. 18/376). IMF.

Kruijt, D. (2016, 18 januari). Suriname en Nederland: een Koude Oorlog in Miniatuur. *Clingendael Spectator*. <https://spectator.clingendael.org/nl/publicatie/suriname-en-nederland-een-koude-oorlog-miniatuur>

Menke, J., & Pérez, O. J. (2012, March). *Surinamese strategic culture*. Florida International University's Applied Research Center.

Ministerie van Financiën. (2011, juni). *Financiële Nota 2011*. MF.

Ministerie van Financiën. (2017, september). *Financiële Nota 2018*. MF.

Mohansingh, R. P. K. (2017, 12 september). Anticorruptiewet. *Suriname Herald*. <https://www.srherald.com/ingezonden/2017/09/12/anticorruptiewet/>

Nelom, C. (2011). *The political economy that affected the use of natural resources. A comparative study of mining in Suriname with reference to Guyana, Jamaica, Indonesia and Botswana* (Ph.D. Thesis). University of Suriname, Paramaribo, Suriname.

Ramsudh, H. (2016, 25 januari). Desi Bouterse: De Lange Mars van een Putschist naar het. *Clingendael Spectator*. <https://spectator.clingendael.org/nl/publicatie/desi-bouterse-de-lange-mars-van-een-putchist-naar-het-presidentschap>

REDD+. *Corruption Risk Assessment for Suriname Final Report*. Reducing Emissions from Deforestation and Forest Degradation, February 2017.

Stichting Planbureau Suriname. (2012). *Ontwikkelingsplan 2012-2016: Suriname in transformatie*. SPS.

Transparency International. (n.d.). Suriname. <https://www.transparency.org/country/SUR>

United Nations International Trade Statistics Database. (n.d.). <https://comtrade.un.org/>

United Nations Conference on Trade and Development. (2019). *UNCTADStat*. https://unctadstat.unctad.org/wds/ReportFolders/reportFolders.aspx?sCS_ChosenLang=en

World Bank. (2017). *Economy profile of Suriname* (Doing Business Report, 14th ed.). WB.

Para citar este artigo

Norma ABNT

BASTOS, B. B.; SILVA, G. V. Suriname: dinâmicas econômicas e relações internacionais. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, v. 12, n. 29, p. 141-155, 2022.

Norma APA

Bastos, B. B., & Silva, G. V. (2022). Suriname: dinâmicas econômicas e relações internacionais. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, 12(29), 141-155.

Norma Vancouver

Bastos BB, Silva GV. Suriname: dinâmicas econômicas e relações internacionais.

Conhecer: Debate entre o Público e o Privado [Internet]. 2022 [cited Jun 14, 2022];12(29):141-155.

Available from: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/8552>